

A METÁFORA E AS PRÁTICAS RELIGIOSAS: A CONCEPÇÃO DA ALMA EM UM TESTAMENTO DO SÉCULO XVII

Bruno de Jesus Espírito SANTO⁹⁹
Norma Suely da Silva PEREIRA¹⁰⁰

RESUMO: A leitura de testamentos da sociedade cristã da Bahia colonial tem evidenciado aspectos das práticas culturais do período. Sendo a estruturação das metáforas ligada a apreensão do ser humano do mundo, este trabalho busca observar, nesses documentos, quais significados eram produzidos pelos católicos daquela época para o item lexical, *alma*, a fim de refletir sobre os fenômenos cognitivos presentes nas expressões metafóricas do referido tecido textual.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica Cognitiva, Filologia Textual, Testamentos Coloniais, Alma

1. Introdução

Desde a Antiguidade práticas e rituais religiosos são amplamente adotados no mundo pelos mais diversos grupos sociais. Sendo os integrantes desses grupos, usuários de suas respectivas línguas naturais, um estudo pautado em seus usos linguísticos pode demonstrar como a influência das doutrinas religiosas interfere no modo de agir e pensar desses sujeitos, determinando suas atitudes e práticas em sociedade. Com o intuito de melhor conhecer tais práticas em determinado período, busca-se, neste artigo, evidenciar, por meio das marcas linguísticas presentes em um testamento da Bahia colonial, como os cidadãos da elite dessa sociedade preocupavam-se com o destino da sua alma, o que os levava a observar as prescrições do ritual da “boa morte” a fim de garantir a sua absolvição pelas cortes celestiais, no momento do juízo final.

O receio com o destino de cada um após a morte já é observado

⁹⁹ Graduado no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas e cursando o Bacharelado no mesmo curso pela Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA. Pesquisador I.C. Email-bruno.gel@hotmail.com.

¹⁰⁰ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA. Atualmente, professora adjunta no Instituto de Letras e Orientadora de alunos de I.C. por meio dos programas Permanecer – PROAE e PIBIC - PROPICI na mesma instituição. E-mail- normasuelypereira@yahoo.com.br.

pelos estudiosos desde a Antiguidade, quando se cultivava sérios temores quanto à fúria dos deuses e às repercussões da vida no mundo dos mortos. Pode-se observar essa preocupação também entre os Romanos, quando os epitáfios, os ritos fúnebres e a arte das tumbas desenvolvidas por eles já sugeriam expectativas acerca da possibilidade da continuação da vida após a morte. Contudo, até então, nenhuma sistematização ou ritual eram recomendados com objetivos voltados à perspectiva de salvação. Só após o advento do Cristianismo, é que se estabelece tal expectativa. Com a consolidação da nova doutrina, conforme destaca Pereira (2016), é que a Igreja Católica, por volta dos séculos II e IV, “passa a sistematizar as ações relativas à morte e aos ritos fúnebres, cuidando também de esclarecer os vivos, por meio da sua doutrina, quanto aos seus significados e quanto à importância de preparação prévia para o momento do desenlace” (PEREIRA, 2016, p. 4).

Assim, a Igreja estabelece os protocolos em relação à morte dos cristãos, indicando para as comunidades quais eram os procedimentos a seguir para que pudessem ter um bom encaminhamento no mundo do além.

Na Bahia Colonial, a Igreja tinha lugar hegemônico e suas opiniões eram importantes em diversos contextos, tanto no plano administrativo, nas decisões do governo, quanto no espiritual, em que suas orientações repercutiam nas práticas relacionadas à vida dos fiéis, e assim também no evento da morte. Neste período, aos cristãos era recomendada a prática do ritual da “boa morte”, que é um rito de passagem, o qual envolve diversas dimensões, as quais, conforme assinala Pereira (2016, p. 4), são perpassadas por “aspectos gestuais, textuais, uso de vestimentas e sinais específicos, além da utilização de objetos simbólicos”. Entre tais aspectos, destaca-se, na preparação para o “bem morrer”, a redação de um testamento no qual fica expressa a vontade do cristão em entrar no Reino dos Céus. O testamento é um documento notarial e, como afirma Belloto (2002), tem a função de revelar os desejos do testador sobre o que quer se faça com os seus bens e fortuna depois de seu falecimento, sendo esse tecido textual um registro dessas decisões.

A análise da argumentação contida nesses testamentos pode revelar aspectos da cultura, do pensamento e da ação humana daquele período, podendo-se assim investigar como os testadores da Bahia colonial conceptualizavam os objetos do mundo de acordo com sua percepção, vivências e ideologia. Portanto, sabendo que a construção da imagem do bom cristão e a prática do ritual da “boa morte” eram peças essenciais na estruturação da defesa da alma do testador diante de Deus, busca-se, com este trabalho, utilizando a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) analisar, através da averiguação das expressões metafóricas presentes em um testamento do século XVII, que está inserido no *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, como esses indivíduos conceptualizavam a alma. Essa análise revela como essa complexa estruturação mental dos indivíduos daquela época sofria interferência da forte influência do pensamento cristão nesta sociedade em questão.

2. A teoria da metáfora conceptual e o discurso religioso

A linguagem, além de favorecer a comunicação entre os indivíduos, identifica culturas, seres, ideologias e pensamentos, podendo assim ser investigada por diferentes perspectivas de estudo. Cada sujeito exterioriza pela linguagem, mais especificamente no discurso, as suas percepções diante o mundo. Conforme destaca Fiorin, “só pela linguagem o mundo ganha sentido para nós” (2013, p. 16), ou seja, cada momento vivido pelos seres humanos, desde o seu respectivo nascimento, é importante, pois os aparatos corporais dos mesmos vão captando os objetos do mundo sentindo-os e lendo-os, fazendo com que através de sua respectiva língua natural os homens transmitam a construção de suas leituras por meio da linguagem.

Há diferentes níveis de investigação da linguagem, a exemplo da Fonologia, que é responsável pelo estudo dos sons de uma língua e da Morfologia, que analisa o processo de construção das palavras, entre outros níveis de análise possíveis. Para o presente estudo, optou-se pela investigação acerca do significado das palavras, estando assim a pesquisa delimitada no âmbito da Semântica, que focaliza “o

significado das palavras e das sentenças” (CANÇADO, 2005, p. 16), buscando investigar como os significados são construídos pelos usuários da língua, em um dado período da história. Para a proposta deste trabalho foi escolhida a vertente cognitivista da semântica, a qual postula que o significado não é um mero reflexo do mundo, mas sim uma construção complexa e individual, ou seja, o homem compreende o mundo através da experiência.

Esse pensamento amplia o entendimento de Aristóteles com relação à metáfora, em sua *Arte Poética* ([384-422 a.C.-a] 2006). O filósofo grego afirma que a metáfora não poderia ocorrer na linguagem cotidiana, pois esta desviava os falantes do padrão de fala sendo ela um recurso somente estilístico e de embelezamento textual que se aplica apenas às escritas literárias. Essa definição permaneceu por muito tempo como um único conceito válido para a metáfora, que era vista como “um elemento que ocorre em função de nomear uma coisa através de outra” (SARDINHA, 2007, p. 20), conceito, aliás, que ainda se mantém em livros didáticos e gramáticas, que permanecem restringindo o conceito de metáfora a apenas um recurso da linguagem literária.

Entretanto, como a ciência se renova através dos novos olhares acerca dos objetos do mundo, eis que surge, nas últimas décadas do século XX, uma revolução na compreensão dos usos da metáfora, inaugurando um novo campo dos estudos linguísticos. Em 1980, dois pesquisadores americanos movidos pela ideia de que a experiência dos indivíduos no mundo orienta a construção dos significados (FERRARI, 2011), sistematizam um novo olhar sobre a linguagem, nascendo então a chamada Teoria da Metáfora Conceptual.

Postulada por Georg Lakoff e Mark Johnson através da publicação da obra *Metaphors We Live By* (1980), essa nova vertente dos estudos cognitivos traz a ideia de que “os seres humanos [...] compreendem o mundo através das metáforas” (LOPES, 2015, p. 209). Essa compreensão dar-se-á através do fenômeno da conceptualização, em que o falante se utiliza de expressões metafóricas para expressar experiências da vida cotidiana, através da projeção natural, em seu discurso, entre dois domínios: o primeiro é chamado de domínio-fonte, MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 361-378

que tem como base a experiência mais concreta, e o segundo é intitulado como domínio-alvo, que possui como base a experiência mais abstrata.

Assim, ampliando a ideia construída por Aristóteles da metáfora como recurso de ornamento da linguagem e também, em discordância ao pensamento chomskyano que, produzindo a ideia do significado literal, diz que as palavras são espelhos diretos do mundo (CHOMSKY, 1965), Lakoff e Johnson revolucionam os estudos da metáfora afirmando que:

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isto, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que pensamento ou ação. Por esta razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45).

Portanto, compreendendo que as experiências dos seres humanos contribuem para a orientação e construção dos significados, e tomando como referência a ideia de que “a metáfora é incrivelmente penetrante no discurso cotidiano” (THIBODEAU; BORODITSKY, 2011, p. 10), através da publicação de *Metaphors of Live By*, Lakoff e Johnson enfatizam que não é mais possível afirmar que a metáfora está presente somente na escrita literária, mas sim nos discursos rotineiros das pessoas. A partir desta noção, é de se supor que as metáforas estejam muito presentes nos discursos religiosos, já que os mesmos são de natureza extremamente abstrata (KÖVECSES, 2002). Por isso, um estudo sobre as metáforas conceituais nestes discursos pode demonstrar como os indivíduos, influenciados por certa doutrina religiosa, moldam o seus comportamentos e práticas culturais em sociedade.

Sendo a linguagem “uma forma de categorizar o mundo, de interpretá-lo” (FIORIN, 2013, p. 16), algumas pesquisas para estudar o fenômeno da conceptualização nos discursos religiosos já foram feitas trazendo suas respectivas contribuições, como por exemplo, Leme (2003) que tratou das metáforas no discurso do Evangelho da Prosperidade, e Costa (2010) que analisou as metáforas sobre casamento no discurso religioso. Aqui, entretanto, buscando analisar os aspectos culturais e religiosos da elite colonial baiana, são utilizados os pressupostos da Linguística Cognitiva a fim de averiguar como documentos notariais da Bahia Colonial podem revelar o uso de expressões linguísticas que demonstrem a influência das experiências de vida dos fiéis e a presença da ideologia da religião católica, na compreensão dos aspectos relacionados às expectativas acerca da alma para essa sociedade.

3. O ritual da “boa morte” revelado pela análise linguística de um testamento do século XVII

As práticas culturais de uma sociedade são atividades importantes para a valorização da identidade humana. Dentre essas, as práticas religiosas, além de influenciarem a própria vida dos fiéis, acabam por reverberar nas práticas sociais de cada período. Segundo Pereira (2015) o ritual da “boa morte” era uma dessas condutas na Bahia Colonial, herança da cultura medieval em que a Igreja Católica recomendava aos seus fiéis que, conscientes dos seus compromissos como cristãos, produzissem um testamento informando aos seus familiares e à sociedade local sobre o que deveria ser feito com o seu patrimônio após a sua morte, a fim de que angariassem um lugar no Reino dos Céus.

É preciso dizer que a preocupação com a morte e suas consequências são inquietações estabelecidas desde o advento do Cristianismo, e que, com a sua ascensão, a Igreja passa a coordenar os protocolos referentes ao falecimento de seus fiéis. Esses ritos na Bahia colonial são revelados através da análise de testamentos, os quais re-

fletem o pensamento dos indivíduos da época, aproximando os leitores atuais de realidades distantes (PEREIRA, 2016), sendo por isso, tão importante conhecê-los.

Os testamentos fornecem ricos dados de análise, constituindo-se em “documentos magníficos para um estudo de mentalidades” (MATTOSO, 2004, p. 227). Conforme destaca Silva (2011, p. 181), essa espécie documental serve para pesquisadores diversos como um “espelho onde se revela a vida e a derradeira vontade do testador”. Sendo esse tecido textual o reflexo da vida do testador, a análise de sua argumentação tem servido como fontes de conhecimento histórico, cultural e social para diversos pesquisadores de várias áreas do saber. O documento em análise, como se disse, está registrado no *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, e foi, juntamente com outros pertencentes ao mesmo *corpus*, editado semidiplomaticamente, pelo Grupo de Crítica Textual da Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação das Professoras Dra. Célia Marques Telles e Dra. Alícia Lose.

No processo de produção desse tecido textual,

[...] o testador, indicando a motivação para o testamento, invoca a Trindade e declara seu arrependimento. A seguir, em geral, solicita a intercessão de anjos e santos pela salvação de sua alma e passa a apresentar os argumentos em sua defesa [...] para fazer jus aos pedidos registrados, o testador apresenta então o seu legado piedoso, que são os atos de caridade, tais como as doações para as entidades religiosas nomeadas, para viúvas e órfãos pobres [...] por fim indica-se a quantidade e periodicidade de missas que deverão ser rezadas [...] por sua própria alma, para que seja reduzido o seu tempo no Purgatório (PEREIRA, 2014, p. 5).

A Igreja detinha um forte poder político-social na Bahia Colonial, constituindo-se mesmo em veículo de divulgação das determinações da Coroa portuguesa e, ao mesmo tempo configurando-se como uma instância de liderança e controle, o Governo eclesiástico. Assim, orientando sobre a necessidade de preparo a fim de obterem uma boa passagem e um bom julgamento no juízo final, Igreja Cató-

lica procura esclarecer aos seus seguidores quanto ao evento imprevisível da morte, para que este acontecimento não os encontrasse desprevenidos. Esse planejamento ocorria através de todo o processamento do rito da “boa morte” que incluía a escrita de um testamento no qual o testador deixava registrada a intenção de doar seus bens para entidades religiosas e de caridade, além de um tecer um exaustivo pedido de remissão dos seus pecados à corte divina.

Um dos vocábulos que aparecem constantemente nos testamentos é a palavra **alma**, que parece ser uma unidade de sentido relevante para os testadores, pois, tendo como preocupação o destino da mesma, os testadores faziam seu legado piedoso a fim de salvá-la, colocando-a assim após a morte, em um bom lugar, pois “a tradição católica ocidental entende a morte como um processo, que se inicia ainda em vida, quando o sujeito deve atender a determinados critérios que o qualificam como bom cristão” (PEREIRA, 2016, p. 105).

Como assinala Ferrari (2011) os homens conceituam as coisas por terem vivido experiências no mundo. As noções de localização como *para cima/para baixo, dentro/fora, entrar/sair*, por exemplo, estão diretamente atreladas à vivência dos seres humanos de subir e descer ruas, entrar e sair de lugares e colocar líquidos e substâncias dentro e fora de recipientes. Na análise a seguir, será possível perceber como as experiências dos testadores influenciaram a sua conceptualização da **alma**, ou seja, como a pedagogia do medo disseminada pela Igreja os levava a ter sérias preocupações em relação ao seu destino fazendo-os escrever uma argumentação em defesa da sua alma diante o julgamento de Deus.

Lakoff e Johnson (1980), a fim de demonstrar que as metáforas acontecem de forma sistemática na mente humana, definem que para identificar uma metáfora conceptual, é necessário analisar o discurso do falante, o contexto que ele viveu e as ideologias que moviam suas ações em determinada situação, pois como afirma Abbade (2016) as metáforas estão diretamente atreladas à cultura e essas devem ser analisadas observando-se o seu período de execução. Uma vez encontradas as metáforas conceptuais, é preciso representá-las com a sentença formulada em um estilo de predicativo do sujeito, como por

exemplo: ALMA É UM OBJETO A SER ENVIADO.

4. Uma análise cognitivista de um testamento do século XVII

Utilizando os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva, apoiada pela Filologia Textual, que “na perspectiva da Crítica Textual, através das edições de textos, aproximam o leitor contemporâneo de realidades distantes, favorecendo o trabalho de diversas outras áreas do saber” (PEREIRA, 2014, p. 1), será realizada a seguir uma análise cognitivista de um documento notarial da Bahia Colonial. Para analisar a conceptualização da **alma** foi escolhido um testamento que integra o *Livro Velho* do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia, o testamento de dona Maria Rodriguez de Oliveira, doravante *TMRO*, que viveu em Salvador, no século XVII:

Em nome de Deos amen saibam quantos este instrumento virem/ como no anno do nasimento de nosso senhor Jezus Christo de/ [...] estando eu Maria Rodriguez de Oliveira em meu/ perfeito juízo e/ entendimento que noso senhor me deo e temendo me da/ morte e dezejando por minha alma no Caminho da salvação por não/ saber o que noso senhor quer de mim fazer quando seja servido Levar/ [...] (*TMRO*, 1645: 78r L. 38-40 e 78v L. 1-5).

A redação se inicia, de acordo com o ritual da “boa morte”, invocando o divino, representado pelos nomes de Deus e do Nosso Senhor Jesus Cristo. Afirmando estar em perfeito juízo e entendimento de si mesma, a testadora declara que teme a morte, e, por não saber a hora que esta irá chegar e também por não ter conhecimento do que o Senhor irá fazer dela na hora em que o momento do desenlace final ocorrer, e desse modo, decide preparar o documento. Segundo assinala Pereira (2016) no momento da doença, por se sentirem mais vulneráveis, pela possibilidade iminente da morte, era mais urgente cuidar da alma, que tentar curar o corpo, pois a destruição da matéria corporal era um fato previsível, mas quanto à alma, só Deus tinha a decisão sobre ela. Por isso, temendo a decisão do Senhor por ocasião do juízo final, desejavam por sua alma no “caminho da salvação”.

Neste momento é possível observar dois fenômenos cognitivos

(FERRARI, 2011; JOHNSON, 1987): o esquema de trajetória, que segundo Johnson reflete a nossa experiência cotidiana de movimentos no mundo, ou seja, a noção de ir e vir e de ver outras pessoas se movimentando, e o esquema imagético, que se refere às experiências corporais dos seres humanos ancoradas às noções de espaço e lugar. Por exemplo, a noção de DENTRO e FORA está atrelada às vivências humanas mais básicas de ENTRAR e SAIR dos lugares onde se frequenta. Geralmente, quando as pessoas vão colocar algo dentro de um recipiente, elas enunciam “vou colocar a água dentro do copo” e quando vão tirar “vou tirar a água do balde”, por essa experiência natural da rotina o falante constrói a noção de ESTAR DENTRO E ESTAR FORA, estabelece a noção do que seja um RECIPIENTE. De acordo com Johnson (1987) esse entendimento vem do nível primitivo da nossa estrutura cognitiva.

Desse modo, é possível observar que no fragmento anteriormente apresentado retirado do testamento, existe uma mesclagem de fenômenos cognitivos: o esquema de trajetória ORIGEM-PERCURSO-META está junto ao esquema de recipiente de contêiner, pois se a testadora põe sua alma “no caminho da salvação”, esta além de ser colocada nesse recipiente que é o caminho, deve percorrer um trajeto até chegar a META que no caso é a SALVAÇÃO no mundo espiritual. Esses esquemas imagéticos refletem a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM.

Neste outro fragmento é possível captar outro fenômeno cognitivo:

[...] primeiramente encomendo minha alma a Deos noso senhor que/ a criou e redemio com seu preciosissimo sangue e rogo e peço a bem/ auenturada sempre virgem Maria May sua e a todoz oz Santos e Santas/ da Corte do Ceo queiram ser meus aduogados diante de Deos noso se/nhor para que haja misericordia de mim e me perdoe meus pecadoz [...] (TMRO, 1645: 78v L. 7-11).

Neste excerto, a testadora rogando pela graça divina, pedindo a Virgem Maria e a todos os santos e santas que advoguem por sua

causa na corte divina, pede, primeiramente, que sua alma seja encomendada a Deus. Neste extrato é possível observar a existência da metáfora conceptual ALMA É OBJETO A SER ENVIADO, já que, em nossas vivências geralmente enviamos algum objeto a alguém quando precisamos entregar algo ou fazemos algum pedido a fim de receber algo, sendo este algo uma encomenda. Portanto, se a testadora encomenda a sua alma a Deus, como os indivíduos encomendam algum objeto ou elemento para ser recebido, alma então é um objeto a ser postado a um remetente e entregue a ele, então se Deus é o destinatário da alma de Maria, ALMA É UM OBJETO A SER ENVIADO.

A testadora, logo após encomendar sua alma a Deus, explica “que ele a criou e redimiou com o seu preciosíssimo sangue”, logo, pode-se ler a metáfora ALMA É UMA FILHA DE DEUS. Prosseguindo, a testadora pede a Maria Mãe de Deus e a todos os “Santos e Santas da Corte do Ceo” os que por ela olharem que sejam seus advogados diante de Deus, por isso, se a sua alma precisa ser julgada e está passível de ser condenada ou inocentada, ALMA É UM RÉU. Tal conceptualização se faz devido à noção que o cristão já possui de um réu em um tribunal de justiça terrena. No caso dos julgamentos divinos postulados pela Igreja Católica, os pecados determinam o período que a alma deve passar no Purgatório.

O ritual da “boa morte” também se configurava pelos elementos relativos à destinação do corpo do testador após sua morte, portanto, o rito fúnebre cumprido de forma adequada também poderia contribuir para o bom encaminhamento da alma, conforme se pode observar no excerto seguinte:

[...] Vindo que sendo noso senhor seruido Leuar me desta uida pre/zente meu corpo seja enterrado no mosteiro do Gloriozo Patriarcha/ Sam Bento e no seu santo habito e me Leuaram na tumba da santa mi/zericordia pelo que lhe daram de esmola dous mil reis e a minha Cama/ que será para o hospital, acompanhar me haó as confrarias do Santissimo [...] (TMRO, 1645: 78v L. 12-16).

Neste momento ela demonstra forte preocupação com o momento da sua morte e, continuando sua argumentação por receio da

chegada deste evento, diz que o Senhor em algum momento de sua estadia na terra a levará desta vida. É perceptível que a testadora entende a vida na terra como uma passagem, pois, consciente de que Deus poderá chama-la para o seu lado novamente, ela conceptualiza Deus como um tomador de almas, se ele é o tomador, ele é o dono delas, por isso, encontra-se a metáfora conceptual ALMA É UM PERTENCE DE DEUS. É perceptível também que há outros dois elementos a serem considerados nesta argumentação da testadora, um é o corpo, que será enterrado, e outro é a alma, que Deus em algum momento tomará. Então, se a alma será tomada e somente o corpo ficará para ser enterrado, logo se encontra o esquema imagético CORPO É UM RECIPIENTE, pois, neste caso, o corpo é um contêiner que contem a alma e a ALMA É UMA SUBSTÂNCIA que está dentro do corpo, sendo retirada a partir do momento em que o Criador decide retirar essa substância. O papel da **alma** pós-morte agora é o de caminhar até a salvação no mundo pós-morte, revelando assim um esquema de trajetória estruturado pela cristã.

Ainda tratando sobre o momento do enterro, a testadora conceptualiza a alma novamente:

[...] acompanhar me haó as confrariaz do Santissimo/ e de nosa senhora do Rozario das quaes sou Jrmaá com tudo dar lhe aó/ por iso a cada huma hum cruzado e juntamente me acompanhará a Con/fraria de nosa Senhora da Fée, e lhe daráo duas patacas de esmola e ao/ Reuerendo Padre Cura com os seuz Capelanz dase pelo acom/panhamento daram dous mil reis aos Reuerendos Padres do Carmo/ pelo dito acompanhamento [...]. (TMRO, 1645: 78v L. 16-21).

Falando sobre como e por quem o seu corpo deve ser enterrado, a testadora pede que as confrarias do Santíssimo e de Nossa Senhora do Rosário, das quais é associada, acompanhem o seu corpo até o lugar onde ele deve ser colocado. Para isso, ela oferece uma quantia em dinheiro em agradecimento a essas confrarias, sendo este pagamento feito ao Padre Cura e os seus capelães. Sendo este um momento importante no rito da “boa morte”, que conseqüentemente, ajudará a Deus a olhar o indivíduo quando a ele chegar com misericórdia e piedade, negociar pela alma ainda em vida, é adquirir bônus diante de

Deus, por isso encontra-se nesta afirmação a metáfora conceptual A SALVAÇÃO DA ALMA É UM NEGÓCIO.

Mais a frente, é possível captar novos olhares dentro desse contexto,

[...] mando que se me diga/ no dito mosteiro de Sam Bento hum officio no dia do meu enterra/mento, e nam hauendo Lugar no mesmo dia se dirá seguinte, e asim/ mais me diram cem misaz por minha alma, alem destas maiz/ des as almas do Purgatorio, e se me diram todos os annoz trez misaz do Natal/ [...] (TMRO, 1645: 78v L. 22-27).

Nessa parte do documento notarial em foco, a testadora confirma a ocorrência da metáfora conceptual A SALVAÇÃO DA ALMA É UM NEGÓCIO, quando manda que após seu falecimento que se rezem cem missas por sua alma e além destas, mais dez missas pelas almas do Purgatório. Esta argumentação reflete a preocupação da fiel em construir o seu *ethos* de boa cristã através do pedido de reconsideração de suas culpas através das missas, que seriam destinadas tanto a sua própria alma, quanto a de seus entes queridos. É de se supor que, no fundo, esse ato era em favor da construção da imagem de um ser humilde, contrito e arrependido de suas faltas diante de Deus.

O interessante nessa conclusão é que a testadora, sabendo que muitas almas sofrem no Purgatório, pede essas missas com o intuito de aliviar o seu sofrimento, entretanto, não se trata de um ato de arrependimento contrito da cristã, mas sim uma intenção de projetar sobre ela a imagem de um ser que teme a Deus, e por temer se inclina diante o seu poder de decisão sobre sua alma. Por isso, compreendendo essa preocupação da testadora, não só com o seu período de estadia no Purgatório, mas também com os que lá já estão, constatamos a metáfora conceptual ALMA PECADORA É UM SER HUMANO DEVEDOR. Com sua atitude, a doação do legado piedoso e a prática do ritual da “boa morte”, a Igreja disponibiliza por meio de sua doutrina o pagamento dessas dividas, que pode ser refletida na análise deste testamento.

Visto essa questão, pode-se perceber também que ao demonstrar “solidariedade” e “caridade” para com as outras almas ela está

ao mesmo tempo importando-se com esses seres que são iguais a ela. Se todas as almas são frutos de um mesmo criador a ALMA É UMA FILHA DE DEUS, e se uma alma deve importar-se com as outras, pois elas têm elos por serem filhas de um mesmo pai, ALMA É UM COMPONENTE DA FAMÍLIA DIVINA.

Dada à noção de que os filhos devem respeitar os pais, esses devem ser obedientes aos pais para não serem castigados. Assim, se a ALMA É UMA FILHA DE DEUS, ela precisa ser obediente a ele, pois, se esses cristãos seguirem o ritual da “boa morte”, logo eles serão bem vistos pelo pai. Em vista disso, ALMA É UMA FILHA OBEDIENTE.

Mais a frente, é possível perceber outra metáfora conceptual atrelada a esse foco de negociação, a partir de outra expressão metafórica,

[...] pelo que declaro que desde o dia que os ditos Reuerendos/ Padres de São Bento meus Legítimos e uniuersais herdeiros e testamen/teiros tomarem posse das ditas heranças me mandaram dizer dos rendi/mentos delas outra Capella por minha alma e do meu defunto que Deos/ tem Antonio frz e por tudo o asima dito ser minha ultima uontade/ ouue este testamento por feito e acabado [...] (TMRO, 1645: 79r L. 6-11).

Quase terminando sua argumentação, a testadora afirma que os Padres de São Bento são seus legítimos e universais herdeiros, e que ao tomarem posse de sua herança, após sua morte, farão com os seus rendimentos fornecidos à igreja bons frutos, ou seja, a testadora pede que os padres façam bom uso de suas doações. Compreendendo que essas doações devem ser visualizadas pelo julgador das almas, Deus, ela pede que haja esse reconhecimento não só em favor da sua alma, como em favor da alma do seu falecido marido. Como já dito neste trabalho, a doação à Igreja era uma ação em favor de que, ao chegar do outro lado, os espíritos tivessem seus pecados reconsiderados e perdoados, para, assim, não passarem tanto tempo no Purgatório ou sofrer qualquer tipo de repressão do inimigo tentador. Portanto, o ato de doar as fortunas em favor do pagamento de uma dívida, que no caso seriam os pecados, para que essa dívida não fosse cobrada com

tanto rigor, ou seja, para que fosse cobrada numa punição mais leve, explicita a metáfora: ALMA É UM OBJETO NEGOCIÁVEL.

Após a finalização do testamento e, por conseguinte o ato argumentativo, o testamenteiro faz a aprovação do escrito dizendo:

Saibam quantos estes instrumento de aprouaçao virem que/ no anno do nasimento de nosso senhor Jezus Cristo de mil/ Seis Sentos quarenta e sinco annos aoz uinte e sete dias do mes/ de outubro do dito anno nesta cidade do Saluador e pouzadas/ de Maria Roiz de oLiueira veuua de Antonio frz estando ela/ ahi presente doente deitada em huá Cama de doensa que no/so senhor foi seruido dar lhe mas em todo seu perfeito juizo e en/tendimento segundo parecer de mim tabaleaó e das testemu/nhas ao diante nomeadas Logo por ela da sua maó a minha/ presente as ditas testemunhas me foi dado a sedula do seu/ testamento asima e atras escrito nesta folha de papel dizendo/ as perguntas que lhe fiz que era seu bom e verdadeiro testa/mento e que a seu rogo lho escreuera Antonio de Vasconcellos/ e que despoiz defeito lho Lera t.do e por estar a sua uontade lhe/ rogara o assignase, por ela portanto quer que se cumpra como/ nele se contem por esta ser sua ultima e derradeira vontade [...]. (TMRO, 1645: 79r L. 27-44).

Neste ato ele informa que a testadora consciente de suas palavras, mas doente e de cama aprova o testamento. Sabendo que esta doença poderia tirar-lhe a vida seguiu as recomendações da Igreja Católica, praticando assim o ritual prescrito.

Após essas análises, e lembrando que historicamente a Igreja Católica possuía grandes influências nas decisões em sociedade do período em destaque, é possível perceber outra conceptualização que parte da ideologia que perpassava os indivíduos daquela época. Nessas construções foi possível constatar a metáfora conceptual as ALMAS SALVAS SÃO MEMBROS DA IGREJA CATÓLICA.

Considerações finais

Através dessa breve análise, observa-se que a investigação dos fenômenos cognitivos através das expressões metafóricas, que são as locuções que o falante realiza no discurso, denota a importância e a contribuição dos estudos cognitivos tanto para os saberes culturais

quanto para as ciências linguísticas, já que, os resultados encontrados evidenciam os conceitos, laços, redes e pontes constituídas pelo testador em relação a sua preocupação com a morte e o destino de sua alma.

Tendo em vista a preocupação que conduzia os cristãos à prática do ritual da “boa morte” a fim de assegurar uma “morte segura” é possível afirmar que esta conceptualização se refletia nos comportamentos e escolhas em sociedade dos ditos cristãos. Também fica evidenciado, através da testadora, como a sociedade cristã da qual a mesma fazia parte, pensava e agia diante os princípios impostos pela Igreja Católica, que pela pedagogia do medo determinava as práticas culturais da época de modo a não haver contestações.

Diante disso, é possível afirmar que o Cristianismo não teve espaço somente na condução do pensamento religioso, mas também na estruturação dos moldes político, ideológico e social. Assim, por meio da abordagem da Semântica Cognitiva, aliada aos métodos da Filologia Textual, pode-se corroborar a ideia acerca do que motivava a constituição de um testamento, que mais parecia, um contrato de compra da salvação.

SANTO, Bruno de Jesus Espírito; PEREIRA, Norma Suely da Silva. **A metáfora e as práticas religiosas: a conceptualização da alma em um testamento do século XVII.** *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 361-378, 2018.

THE METAPHOR AND RELIGIOUS PRACTICES: THE CONCEPTUALIZATION OF THE SOUL IN A TESTAMENT OF THE XVII CENTURY

ABSTRACT: The reading of testaments of the Christian society of colonial Bahia has evidenced aspects of the cultural practices of the period. Since the metaphoric structure of metaphors is linked to the apprehension of the human being of the world, this paper seeks to observe in these documents what meanings were produced by the Catholics of that time for the lexical item, *soul*, in order to reflect on the cognitive phenomena present in the metaphorical expressions of the said textual fabric.

KEYWORDS: Cognitive Semantics; Textual Philology; Colonial Testaments; Soul.

Referências bibliográficas

- ABBADE, Celina. Metáforas da (re)encarnação no livro segundo: *Mundo Espírita ou dos Espíritos d'O livro dos Espíritos*. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela (Org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- ARISTÓTELES. (384-422 a.C.-a). *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de Arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- COSTA, Carla. *Metáforas do casamento no discurso religioso, Orientador: Solange Coelho Vereza*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2010.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIN, José Luiz (Org.) *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- LEME, Helena. *Indeterminação e metáforas no discurso religioso*. Orientador: Mara Sophia Zanotto. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontífice Universidade Católica – SP, 2003.
- LOPES, Braulio. (2015). Metáforas Divinas: A Conceptualização Metafórica de Deus no Discurso Religioso Evangélico. *Anais. V CONGRESSO INTERNACIONAL DA METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO*. Disponível em: <<http://150.164.100.248/congressometafora/data1/arquivos/Lopes.pdf>> Acesso em: 10/06/2017.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Da Revolução dos Alfaiates à Riqueza dos Baianos no século XIX: Itinerário de uma Historiadora*. Salvador: Corrupio, 2004.
- PEREIRA, Norma Suely da S. Os rituais da “boa morte” na Bahia colonial a partir da análise de testamentos. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes R.; LUCENA, Rubens M. (Org.). *ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos. E-book*. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 1013-1042.
- PEREIRA, Norma Suely da Silva. Imagens da cultura medieval reveladas em rituais religiosos da Bahia Colonial. *Anais. IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS*. 2016. Disponível em: <http://abrem.org.br/revistas/index.php/anais_eiem/article/view/290/250>. Acesso em: 21/08/2017.
- PEREIRA, Norma Suely da Silva. Os rituais “da boa morte”: as práticas culturais MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 361-378

A METÁFORA E AS PRÁTICAS RELIGIOSAS: A CONCEPTUALIZAÇÃO DA ALMA EM UM TESTAMENTO DO SÉCULO XVII

e a construção do ethos em documentos coloniais trasladados no Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. In: ABBADE, Celina; Sobral, Gilberto; Teixeira, Maria (Org). *Entre a Palavra, o Discurso e o Texto: Caminhos Filológicos*. Curitiba: Appris, 2016.

PEREIRA, Norma. As confrarias e a construção do ethos de bom cristão em testamentos da Bahia Colonial. XVII ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. *Anais*. 2016. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/2894-2/>>. Acesso em 13/05/2017

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Emãnuel Luiz Souza e. A espera da morte: os testamentos e a sociedade colonial na Bahia dos séculos XVI e XVII. *Historien – Revista de História* [4]; Petrolina out/abr. 2011. p. 174-206.

TESTAMENTO de Maria Rodriguez de Oliueira. 1584. *Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador, Mosteiro de São Bento, 27 de outubro de 1645. f 78r-79v.

THIBODEAU Ph; BORODITSKY L. (2011). Metaphors We Think With: The Role of Metaphor in Reasoning. *PLoS ONE* 6(2): e16782. Disponível em: <<http://10.1371/journal.pone.0016782>> Acesso em: 03/05/2017.